

**A pederastia ateniense no período clássico:
uma análise do *Banquete* de Platão e de Xenofonte**

Luana Neres de Sousa *

Resumo: *O Banquete* de Xenofonte é uma obra pouco explorada pela historiografia brasileira quando comparada à obra homônima de Platão. Nosso objetivo neste trabalho é analisar a pederastia ateniense no período clássico realizada durante os banquetes, a partir da análise do diálogo *O Banquete* do filósofo Platão e da obra homônima de Xenofonte, ressaltando a importância da relação entre erastas e erômenos enquanto processo de formação social do futuro eupátrida em Atenas e o festim do banquete enquanto local destinado à realização da pederastia.

Palavras-chave: Pederastia, Banquete, cidadão.

Abstract: Xenophon's banquet is little explored by Brazilian historiography compared to Plato's. Our purpose on this work is to analyze Athens' pederasty during the classic period using these two authors' banquets, emphasizing the importance of the relationship between erastes and eromenos as a process of social formation of the future eupatridae in Athens, and banquet's party as the location in which pederasty occurs.

Key-words: Pederasty, Symposium, citizen.

Durante o período clássico a sociedade ateniense presenciou um tipo de relação muito peculiar, que buscava conjugar os preceitos pedagógicos e morais necessários para a boa formação de seus futuros cidadãos com um relacionamento amoroso só possível entre dois indivíduos do sexo masculino. Praticada exclusivamente pelos eupátridas, a pederastia¹ foi objeto dos mais variados estudos, sejam historiográficos, antropológicos e filosóficos². Tratava-se de um tipo de relacionamento recorrente, cujo processo visava à formação social do futuro eupátrida. Logo, a diferença de idade entre os envolvidos era essencial para que o objetivo pedagógico fosse atingido; era essa desigualdade que assegurava o caráter educacional da relação pederasta, já que o mais velho era também o mais sábio e o responsável pela formação do jovem.

O mestre deveria ser um homem adulto, socialmente formado, geralmente com mais de trinta anos, denominado pela historiografia de *erasta* – o amante. O discípulo era o

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da professora Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG). Bolsista da UFG.

¹ É importante salientar que os povos gregos não encaravam a pederastia de maneira uniforme, e que foi em Atenas que ela assumiu com maior esmero um papel ativo na formação social de seus cidadãos.

² Entre estes, podemos destacar os livros *A Homossexualidade na Grécia Antiga* do classicista britânico Kenneth James Dover (1994) e o volume dois da série *História da Sexualidade: O uso dos prazeres* (2003) do filósofo e médico francês Michel Foucault.

erômeno - o amado, jovem com idade entre 12 e 18 anos³, filho de eupátrida que possuía a função de aceitar um dentre os diversos mestres que se apresentariam no momento do início do processo pederástico. Segundo Nikos Vrissimtzis, a pederastia:

“era uma instituição pedagógica: um adulto educado era encarregado de transmitir seus conhecimentos e experiências a um adolescente (*éphebos*) e de ajudá-lo a se tornar um cidadão responsável. O adulto, por sua vez, admirava e desfrutava a beleza, a força e o vigor do jovem. Havia, pois, uma transmissão recíproca, criada para benefício de ambos”. (VRISSIMTZIS, 2002: 103).

Como se tratava de uma transmissão mútua, ambos desfrutavam de benefícios. No caso do erômeno, o de adquirir conhecimentos e do erasta, o de contemplar da beleza e o vigor do jovem. Após eleger o mestre, o erômeno obedecia todo um ritual de conquista, onde não poderia ceder de imediato aos gracejos do mentor. Seria desonroso para o erômeno submeter-se às vontades do erasta facilmente. Sobre essa conduta, Foucault atesta que:

“... não convinha (sobretudo aos olhos da opinião) que o rapaz se conduzisse ‘passivamente’, que ele se deixasse levar e dominar, que cedesse sem combate, que se tornasse o parceiro complacente das volúpias do outro, que ele satisfizesse seus caprichos, e que oferecesse seu corpo a quem quisesse, e da maneira pela qual o quisesse por lassidão, por gosto pela volúpia ou por interesse. É nisto que consiste a desonra dos rapazes que aceitam o primeiro que chega, que se exibem sem escrúpulos, que passam de mão em mão, e que concedem tudo ao que mais oferece.” (FOUCAULT, 2003: 187).

Quanto mais resistisse, mais interessante se tornava o erômeno. Todavia, este não poderia permitir que tal resistência afugentasse o erasta. Tudo deveria acontecer dentro de um tempo certo para que a pederastia tivesse êxito. Durante o cortejo, o erasta oferecia presentes ao erômeno, tais como a lebre e o galo, símbolos de esperteza e virilidade, mas Dover apresenta outras ofertas como a raposa, a lira e o cervo (DOVER, 1994: 133). Esses presentes, além da função de conquista, exerciam certo estímulo para que o erômeno viesse a desempenhar os papéis simbolizados pela oferenda, neste caso, a virilidade e a esperteza.

A sociedade ateniense, e grega em geral, dava uma atenção especial à honra de seus cidadãos, e essa atenção se agravava quando se tratava de um rapaz envolvido em uma relação pederástica. Um dos primeiros aspectos que Michel Foucault coloca é a respeito da consciência que o jovem futuro cidadão deveria possuir a respeito do *status* que gozava em

³ Não há nos trabalhos historiográficos um acordo no que diz respeito à faixa etária do erômeno, uma vez que há autores que delimitam a idade deste entre 12 e 18 anos, enquanto outros a estendem até os 20 anos. No presente trabalho foi adotada a faixa etária apresentada por Nikos A. Vrissimtzis para a designação da idade do mancebo envolvido na pederastia por achar os argumentos do pertinentes (VRISSIMTZIS, 2002: 104).

decorrência de sua origem. Foucault atesta que era importante que o jovem sempre recordasse “*que, em razão de sua origem e de seu status, a menor negligência sobre uma questão de honra corre o risco de cobri-lo de vergonha*” (FOUCAULT, 2003: 182). O fato de ter nascido em Atenas e de uma família legitimamente ateniense o colocava em uma posição privilegiada, destinada a poucos. Posteriormente ficava a cargo de o jovem manter tal caráter através de seus atos. Em nenhuma hipótese esse deveria atentar contra a honra através de sua conduta, submetendo-se a atividades destinadas aos grupos menos privilegiados, como o do escravo, do meteco ou da mulher. Entre tais atos comprometedores estava o de prostituir-se ou permitir-se ser penetrado, de acordo com Vrissimtzis (VRISSIMTZIS, 2002: 107-108).

Os encontros entre erastas e erômenos poderiam ocorrer nos ginásios ou nos banquetes. Para o historiador Alexandre Carneiro Cerqueira Lima os banquetes (*symposions*) eram festividades que visavam suspensão momentânea da ordem e ocorriam em um espaço privado, o *andrôn*, desempenhando uma oposição à cultura popular ateniense (LIMA, 2000: 18). Embora buscassem romper momentaneamente com os padrões morais impostos pela sociedade ateniense, os banquetes eram fortemente ritualizados e possuíam o intuito de receber bem um amigo ou um estrangeiro (LIMA, 2000: 31).

Ainda de acordo com Alexandre Lima, os *sympósions* não eram festins exclusivos das pessoas mais abastadas. “*Em um mesmo festim podemos encontrar membros de diferentes camadas da sociedade ateniense e mesmo estrangeiros. O filósofo Sócrates participava de várias reuniões privadas (ele pode ser encarado como um representante da elite intelectual de Atenas, mas jamais da econômica)*” (LIMA, 2000: 22). Ao analisarmos os personagens que compõem o *Banquete* de Platão e de Xenofonte, observamos que os convivas pertenciam tanto ao grupo dos aristocratas - como por exemplo, Aristófanes, Erixímaco e Alcibíades, no diálogo platônico, e Cálías, o jovem Autólico e seu pai Lícon, na obra xenofontea - , quanto às camadas menos abastadas – no caso de Sócrates.

Após realizarmos um breve estudo acerca da pederastia ateniense durante o período clássico, analisaremos a seguir como tal relacionamento aparece nos diálogos *O Banquete*, de Platão e de Xenofonte. Embora as obras apresentem o mesmo título e compartilhem da mesma construção estrutural, o destaque dado à temática amorosa realiza-se de maneiras distintas. Enquanto que no *Symposium* platônico, o amor constitui o fio condutor do diálogo, em Xenofonte, apresenta-se como um entre diversos assuntos abordados.

1 – *O Banquete de Platão:*

O Banquete está entre os diálogos mais lidos de Platão e foi escrita aproximadamente antes de 384 a.C. É constituída por sete discursos em louvor a *Eros*, antecedidos pela apresentação dos personagens e finalizados pelo discurso de Sócrates, que conclui o simpósio.

Platão narra, através de uma conversa entre Apolodoro e um companheiro, um banquete ocorrido na casa de Agatão, poeta ateniense. Tal jantar ocorrera muitos anos antes da narração de Apolodoro, que tomou conhecimento de tal fato através de Aristodemo, um dos presentes. Em *O Banquete* Platão expõe o que para si era o Amor, quais eram suas benevolências na vida de um homem e quais os cuidados deviam ser tomados quando se fosse atingido por uma das “flechas de Eros”. Embora o filósofo utilize-se de diversos personagens componentes do circuito social de Atenas, como o médico Erixímaco, o comediógrafo Aristófanes e o poeta Agatão, é somente no final da obra que Platão, através de Sócrates, elucida seu pensamento sobre a temática amorosa. Mas isso não se faz de forma direta: ainda que Sócrates tome a palavra, não discursa atribuindo a si a melhor definição sobre Eros, mas fazendo uso da fala da sacerdotisa Diotima de Mantinéia. Esse método garante ao diálogo um caráter pedagógico, pois sendo Sócrates um filósofo, de acordo com a doutrina platônica, tinha como papel resgatar a verdade na alma dos homens.

A finalização do diálogo ocorre quando Alcibiades, estrategista de Atenas, adentra o recinto fingindo estar embriagado e faz uma declaração de amor a Sócrates.

2 – *O Banquete de Xenofonte:*

O Banquete de Xenofonte, escrito aproximadamente em 380 a.C, relata um jantar ocorrido anos antes que fora oferecido por Cálias em honra ao jovem Autólico, seu erômeno, por sua vitória no pancrácio⁴ no ano de 422 a.C em ocasião das Grandes Panatenéias⁵. Cálias, em companhia de Nicerato, convida Sócrates e seus amigos, Critóbulo, Hermógenes, Antístenes, Cármides para participarem deste evento.

⁴ Esporte de combate, sem armas, utilizado como base de treinamento para os soldados na Grécia, especialmente entre os espartanos.

⁵ Festa realizada de quatro em quatro anos em homenagem à deusa Atena. Havia concursos de música e canto, corridas de cavalo e outras competições (FLORENZANO, 2004: 11).

A obra é composta por nove livros e está dividida em três partes principais. Na primeira há a apresentação dos personagens; na segunda versa-se sobre variados temas, dentre os quais estão a natureza feminina, a dança, o vinho e a bebedeira, a Filosofia e os esportes, sempre pautados na importância do equilíbrio e da temperança; na terceira e última parte, especificamente no livro VIII, Sócrates assinala suas principais idéias acerca do Amor, sobretudo do amor pederástico.

O mestre aponta os diversos tipos de amor existentes, expressando sua dúvida acerca da existência de duas deusas Afrodite - a Pandêmia e a Urânia, como também aparece no diálogo platônico. Para Sócrates em Xenofonte, é possível que a deusa seja apenas uma e que se manifeste de formas distintas, ora amor como sensual, ora como amor da alma (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 10). Sócrates segue afirmando que o amor da alma é superior àquele amor que visa apenas o corpo. Para o mestre, a amizade (*philia*) deve ser a base de qualquer relação digna de consideração e, enquanto a beleza do corpo não dura, a da alma vai aumentando à medida em que o tempo passa (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 13-14).

Terminado o discurso de Sócrates, Autólico levanta-se para dar um passeio. Os demais permanecem para contemplar uma representação de Dioniso e Ariadne e ao vê-los um nos braços do outro, decidem os solteiros fazer promessas de casamento e os casados conduzir-se em direção às suas esposas. Sócrates e os que ficaram saem com Cálidas para passear em Lícon e seu filho (XENOFONTE, *O Banquete*, IX, 1-7).

3 – A Pederastia no Banquete de Platão e Xenofonte.

Notamos nos dois *Banquetes* muitas semelhanças, a começar pela presença de Sócrates. Além do tipo de escrita, a temática amorosa e as reflexões acerca das conseqüências do Amor na vida dos seres humanos são comuns às duas obras. Em ambas a relação entre erastas e erômenos aparece pautada na temperança e no amor voltado mais para a beleza da alma que da beleza física. Embora os atenienses valorizassem muito o corpo, também prezavam a beleza da alma, conforme descrevem Platão e Xenofonte.

“E é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante. (...) Ao contrário, o amante do caráter, que é bom, é constante por toda a vida, porque se fundiu com o que constante” (PLATÃO, *O Banquete*, 183 d – e).

“Mostrarei agora o quanto é indigno de um homem livre ter relações com aquele que prefere os corpos ao invés da alma. Aquele que ensina a seu amigo a falar e agir como convém, poderia ser honrado por Aquiles, como Quíron e Fênix; mas aquele cujo desejo dirige-se aos corpos, merece ser tratado como mendigo (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 23).

Ao analisarmos os trechos acima percebemos que embora valorizada, a beleza do corpo era preterida em relação à beleza da alma, pois é inconstante e passageira, enquanto a beleza da alma é estável. Um homem virtuoso seria aquele que conseguisse unir a beleza do corpo, adquirida através de atividades físicas⁶, à beleza da alma, por intermédio de sua conduta e reflexões filosófica. Sócrates, no livro II do *Banquete* de Xenofonte, mostra-se imensamente interessado pela prática da dança, e afirma que o jovem bailarino presente no encontro torna-se ainda mais belo enquanto movimenta-se. Discursando positivamente sobre os benefícios que a dança e as atividades físicas em geral trariam àqueles que a praticavam, Sócrates consegue convencer Cálías, que pede para ser convidado pelo mestre quando este fosse aprender a dançar para que pudessem aprender juntos (XENOFONTE, *O Banquete*, II, 15 - 20). Nesta passagem, Sócrates age como um bom exemplo de erasta e influencia positivamente Cálías, mesmo este já sendo homem formado e não participante do processo destinado à sua formação social.

Nos dois diálogos existem vários “conselhos” de como deveriam agir os praticantes da pederastia. Durante o século V a.C, Atenas enfrentava uma crise política, sobretudo em consequência de seu envolvimento na Guerra do Peloponeso. Na cidade surgiam vários *hetairiai*, que segundo Donald Kagan eram “clubes” de eupátridas que se consideravam inimigos da Democracia (KAGAN, 2006: 414). Além do campo político, a Guerra do Peloponeso atingia também o equilíbrio moral da sociedade ateniense, e diante do caos proveniente da guerra, parte da juventude descontrolou-se em relação a seus desejos sexuais.

Sabemos que a opinião de Platão não pode ser estendida a toda sociedade, já este era um filósofo e que possuía uma visão idealizada da pederastia. Se em o *Banquete* há tanta preocupação no que diz respeito ao auto-controle de erastas e erômenos é por que certamente havia aqueles que transgrediam as normas. Platão era um sábio e diante da corrosão dos valores morais em que a juventude estava submetida, sente-se no papel de orientá-los, seguindo o exemplo de seu mestre Sócrates, o “Parteiro das Almas”.

Xenofonte compartilha das preocupações de Platão. Em todo seu diálogo existem noções morais que para ele deveriam ser respeitadas no relacionamento pederasta. Na passagem a seguir, Sócrates elogia Cálías por estar enamorado de Autólico, um jovem cheio de virtudes:

⁶ A prática de esportes fazia parte do processo educacional em Atenas, assim como a dança, o canto e a poesia lírica (MARROU, 1998: 213 – 214).

“Quanto a ti, Cálias, toda a cidade sabe que tu estás enamorado de Autólico, e muitos estrangeiros também, imagino. A razão disso, de ambos serem pais célebres, tu mostrarás a eles. De minha parte, sempre admirei sua natural felicidade, mas agora muito mais, por que vejo que tu amas um rapaz que não se prostitui por causa da elegância, nem se torna efeminado por causa da delicadeza, mas que faz brilhar no entender de toda sua força, sua resistência, sua coragem e sua temperança. Estar apaixonado por qualidades parecidas demonstra a excelente natureza do amante” (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 7–8).

Através do discurso de Sócrates apresentado no trecho acima, compreendemos o que para Xenofonte eram atributos de um bom erômeno: um jovem másculo, incorruptível, corajoso e temperante. Em outra passagem, Sócrates enumera as qualidades do bom erasta:

“Uma alma ama fazendo o amado crescer em sua beleza, digna de um homem livre; em sua modéstia e sua generosidade, e ao mesmo tempo, uma alma que imediatamente, se mostra autoritária e benevolente entre os jovens, não tem necessidade de discurso, por que é natural que tal apaixonado seja correspondido em seu amor pelo jovem, e eu demonstrarei isso.” (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 15-17).

Outro aspecto que favorece a figura de Cálias enquanto bom erasta é o fato de convidar Líncon, o pai de Autólico, para as reuniões (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII, 11). Compreendemos que para Xenofonte, se a relação entre erastas e erômenos era realizada dentro dos limites moralmente aceitos, não teria motivo para que fosse escondida do pai do jovem, muito pelo contrário: deveria servir de modelo para outros jovens e seus mestres.

Platão também aponta em seu diálogo os modelos que erastas e erômenos deveriam seguir. De acordo com as regras da pederastia, Alcibíades aparece em *O Banquete* como um mau exemplo. Embora em sua juventude tenha recebido a mais refinada educação de Atenas, ao atingir a idade adulta, rendeu-se ao descontrole sexual, a bebedeira e aos mais diversos tipos de escândalos. Werner Jaeger ratifica que Alcibíades é o tipo que Platão melhor utiliza para ilustrar o que segundo ele seria um bom erômeno: jovem de aspirações geniais, que tomava para si os assuntos políticos de Atenas. Contudo, Alcibíades peca no fato de trabalhar para a Edificação do Estado antes ainda de edificar o “Estado em si mesmo” (JAEGER, 1986: 515) e torna-se exemplo do modelo a não ser seguido por não possuir auto-controle.

Dois papéis fundamentais eram pré-determinados na relação pederástica: *erastas* – que tinham como função ensinar ao amado a maneira pela qual triunfar sobre seu desejo e tornar-se um bom eupátrida; e *erômenos* – aceitar os ensinamentos de seu erasta, reconhecer sua grandeza, não ceder facilmente a seu cortejo e prestar-lhe favores. Entretanto, Michel Foucault afirma que Platão em *O Banquete* modifica a ordem na relação pederástica através

da figura de Sócrates: o mestre é aquele que transforma os papéis, modifica o sentido do jogo, renuncia os *aphrodisia*⁷ e passa a ser dos jovens objeto de desejo (FOUCAULT, 2003: 211).
Não

É de fácil percepção que nas últimas páginas de *O Banquete* os papéis entre amante e amado desempenhados por Sócrates e Alcibíades estão invertidos; todavia, assim como deveriam se comportar os erômenos dignos de sua futura cidadania, Sócrates renuncia às tentações, e por isso mesmo, torna-se mais amado pelos jovens. Platão utiliza-se do exemplo de Alcibíades para apresentar a seus leitores o modo como um erômeno não deveria se comportar. No entanto, Sócrates aparece como exemplo, ora de um hábil erasta, ora de um bom erômeno.

Ao final da análise desses dois diálogos, inferi-se que Platão e Xenofonte tinha grande preocupação em delimitar que relações eram dignas de serem denominadas “amorosas” e qual a conduta daqueles que se diziam amantes e amados. A relação entre *Eros* e *Logos* – Amor e Sabedoria – é amplamente compreendida, contribuindo para o esclarecimento de como se davam o convívio amoroso e a pedagogia entre erastas e erômenos. Apesar de se tratar de escritos filosóficos, *O Banquete* de Platão e Xenofonte servem de base para a compreensão do imaginário aristocrático do período abrangido, e complementam outras fontes, sejam literárias ou artísticas, acerca da pederastia em Atenas, nos período clássico.

BIBLIOGRAFIA

A - Documentação Textual:

Platão. *O Banquete*. Trad: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Platon. *Le Banquet*. Trad: Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

XENOFONTE. *O Banquete*. Trad: Tânia Martins Santos Fernandes. In: FERNANDES, Tânia Martins Santos. *O discurso amoroso em O Banquete, de Xenofonte*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Letras. 2004.

_____. *Le Banquet – Apologie de Socrate*. Trad: [François Ollier](#). Paris: Les Belles Lettres, 2002.

B – Referências Bibliográficas:

DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *Nascer, Viver e Morrer na Grécia Antiga*. São Paulo: Atual, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

⁷ *Aphrodisia*: Atos de Afrodite (FOUCAULT, 2003: 38).

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KAGAN, Donald. *A Guerra do Peloponeso: Novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MARROU, Henri Irénée. Educação e retórica. In: FINLEY, Moses I. (Org). O legado da Grécia: uma nova avaliação. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Pp. 211 – 228.

SANTORO, Fernando. Erótica. In: _____. *Arqueologia dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 77 – 142.

VRISSIMTZIS, Nikos A. Pederastia. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002.